



Vladimir Carvalho

ARTURO DE CORDOVA —

Arturo de Cordova com Maria Felix, Dolores del Rio, Rosita Moreno, Lupe Velez, Mario Moreno, Pedro Almaraz e Kathy Jurado, fazia parte de um grupo de artistas mexicanos de categoria internacional, pertencente não apenas à filmoteca de seu país, o México, como de tantos centros cinematográficos, passando, por Hollywood e Europa.

Arturo de Cordova fez jornalismo e chamava-se, na realidade, Arturo Garcia Rodrigues. Nasceu em Cordova, Yacutan, daí ter escolhido o nome de sua terra natal como apelido artístico. Seu primeiro filme data de 1935, CELOS, e, graças a ele, seria logo chamado à Hollywood, sendo desta fase alguns sucessos como POR QUEM OS SINOS DOBRAM, em que apareceu ao lado de Ingrid Bergman e Gary Cooper; A

GAIVOTA NEGRA, com Joan Fontaine; DUFFY TAVERN com todo o elenco da Paramount e, ainda, NEW ORLEANS.

Arturo de Cordova ficaria ligado ao Brasil por dois filmes, um deles realizado na Ilha do Governador, no Rio, ao lado de Tônia Carrero, Heloísa Helena e Fernanda Montenegro - MÃOS SANGRENTAS. A direção tinha à frente o argentino Hugo Christensen. A estória revivia os lances, dramáticos de um acontecimento da vida real, a fuga dos presos da Ilha Anchieta. O outro filme foi uma produção argentina, com grande sucesso em toda a América Latina, tratava-se da peça de Joracy Camargo, DEUS LHE PAGUE, sucesso do nosso Procópio Ferreira nos palcos do Trianon.

Arturo de Cordova, nos últimos anos, vinha dedicando-se, com mais frequência, ao teatro

e à televisão, como a sua colega Dolores del Rio, com o sucesso de sempre, mesmo depois que teve um distúrbio circulatório, que o deixou defeituoso.

Com o seu desaparecimento, o México, que tem dado as figuras mais expressivas do cinema latino-americano, fica desfalcado, como já o ficara com a morte de Pedro Almaraz, sem novos valores, pelo menos na geração atual, tão expressivos.

III FESTIVAL BRASILEIRO DE CURTAMETRAGEM

A semana foi aberta, no Rio, com o III Festival de curtametragem, em duas sessões diárias na Sala do Cinema-1, com troféus oferecidos pelo Instituto Nacional do Cinema e mais um prêmio da SOMIL. É uma das poucas oportunidades para todo aquele que se interessa pelo gênero, sempre com um saldo positivo, pelo menos é o que se observa dos festivais anteriores.

O III FBCM foi aberto com um trabalho Hors Concours de Vladimir Carvalho, que já fora laureado anteriormente, com o seu INCELÊNCIA PARA UM TREM DE FERRO. Vladimir Carvalho concorre também com um documentário sobre a coleção de obras de arte de Abelardo Rodrigues. Joaquim Assis, também conhecido e premiado por seu SOM E FORMA, participa com dois filmes: DOM ORIONE e Ó XENTE, POIS NÃO.

- Nataniel DANTAS.